Um pouco melhor

Estimativas de uma renda bruta mais animadora não garantem alívio das dificuldades por que têm passado os agricultores nesta década

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

As primeiras estimativas de renda bruta da agricultura trazem alguns sinais animadores. Embora no total das 20 lavouras consideradas a renda agrícola tenha registrado um decréscimo significativo (-3,7%), dois subgrupos importantes – o dos alimentos básicos e o dos cereais, leguminosas e oleaginosas – registraram alta no resultado médio obtido pelos produtores rurais (2,5% e 4,2% respectivamente). Aumentou consideravelmente a receita dos produtores de algodão e arroz bem como a dos produtores de milho; caiu a dos plantadores de batata-inglesa, feijão e café. A renda dos sojicultores se manteve praticamente constante.

Motivos de preocupação

Dois fatores foram muito importantes nesse contexto. De um lado houve uma expansão da produção agrícola (e até da área colhida, o que não se registrava há alguns anos); do outro, a desvalorização do câmbio em janeiro de 1999, dificultando o recurso às importações como instrumento de controle de preços e permitindo amenizar possíveis efeitos ainda mais adversos para os agricultores da retração dos preços das principais *commodities* agrícolas no mercado mundial.

Do que foi dito acima não se infere que os problemas dos produtores rurais tenham terminado: quando se confronta a renda bruta estimada para 1999 com a auferida em 1994, observa-se uma queda de 6% para as lavouras em geral, de 11,7% para os alimentos básicos e de 8,8% para os cereais, leguminosas e oleaginosas.

No que se refere aos produtos exportáveis, não é demais recordar que 1999 se mostrou especialmente adverso aos produtores de *commodities* cujas cotações no mercado mundial se situaram em nível dos mais baixos dos últimos 20 anos. Várias razões determinaram essa situação. Não podem deixar de ser mencionados a crise asiática e o colapso da economia dos países da antiga União Soviética.

Há ainda a considerar um fato preocupante: aumenta a volatilidade dos mercados de *commodities*, o que pesa bastante nas decisões dos produtores agrícolas, obrigados pelas próprias características de sua atividade a planejar a prazos longos.

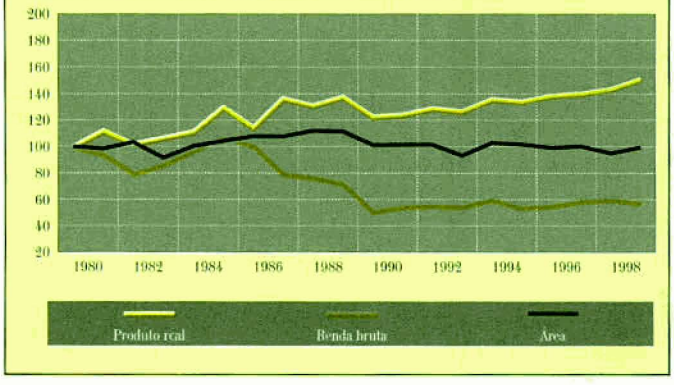
Só para ilustrar a gravidade

E-mail: mjcyhlar@fgv.br

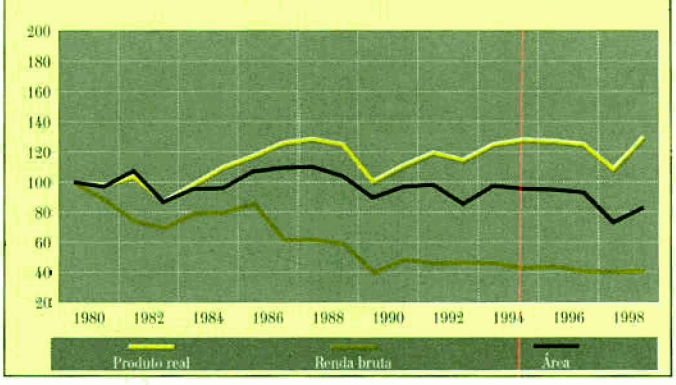
Brasil: indicadores de desempenho das lavouras - cereais, leguminosas e oleaginosas



Brasil: indicadores de desempenho das lavouras - total



Brasil: indicadores de desempenho das lavouras - alimentos



da situação, vale registrar que, no primeiro semestre do corrente ano, os preços médios da soja em grão exportada pelo Brasil caíram 25% e os do farelo 26% em relação a igual período do ano anterior. A situação só não foi pior para o exportador nacional de *commodities* porque, com a mudança na política cambial, passou a receber mais reais por dólar auferido.

Aumentou a área

Apesar do desempenho razoável da renda bruta em 1999, os resultados ficaram aquém dos obtidos em 1994 e em vários casos até piores do que os de 1990, um ano especialmente adverso para os produtores rurais.

De 1994 a 1999, a renda bruta dos sojicultores se manteve praticamente estável, embora a produção física tenha aumentado 23,7%. A renda dos produtores de milho caiu 10% no período, enquanto a produção se manteve quase igual. Os produtores de feijão perderam 47% de sua renda e a produção ficou 12% menor no período. Os orizicultores aumentaram 15% sua renda e a produção cresceu 11%. E os produtores de algodão perderam 15% em termos de renda enquanto a produção crescia em torno de 2%.

Em 1999 registrou-se um significativo aumento de 4,7% na área colhida – fato expressivo, levando-se em conta que nesta década a área colhida registrou persistentes quedas. Embora se dê mais importância aos aumentos da produção do que aos aumentos da área, pois a tecnologia permite obter altos rendimentos físicos em um país com tanta necessidade de produzir alimentos e gerar empregos, o aumento da área de lavouras também merece registro.

A desvalorização cambial da moeda nacional teve reflexos positivos para a agricultura, na medida em que conteve as importações e amenizou a situação dos exportadores. Mas teve também um impacto negativo do ponto de vista dos custos de produção. Na média do período de janeiro a julho de 1999, o IPP aumentou 8,8% ante igual período do ano anterior, enquanto o índice de preços recebidos pelos produtores de lavouras aumentava em média 4,1% (e a inflação medida pelo IGP-DI, 7,5%).

Sem mudanças

Quando se desdobra o IPP em seus principais componentes, nota-se que os maiores aumentos ocorreram justamente para insumos mais dependentes de matérias-primas importadas: fertilizantes (12%), agrotóxicos (19%) e combustíveis (10,4%). A mão-de-obra e os serviços tiveram aumentos bem inferiores no período – 3,4% e 4,5%, respectivamente.

As estimativas apresentadas representam os fatos ocorridos até julho de 1999 e em boa medida já se pode considerar que representem a situação do ano como um todo. Entretanto a colheita dos produtos da safra de inverno, de algumas lavouras do Nordeste e da terceira safra de feijão e de batata-inglesa mal começou.

Podem acontecer ainda algumas mudanças daqui até o fim do ano. Mesmo assim, os resultados auspiciosos estão longe de representar uma mudança no quadro de dificuldades que os agricultores vivenciaram ao longo da década.

TÊXTEIS

Déficits a fio

O setor têxtil vai à luta, se moderniza e aposta na diferenciação para reduzir os constantes déficits na balança comercial

DANIELADEPAULAROCHA

Após a abertura comercial no início da década de 90, o setor têxtil enfrentou fases críticas e até fechamento de um número significativo de empresas e redução do quadro de pessoas vinculadas ao setor. No caso específico da indústria, segundo dados do IBGE para 1991, 383.100 pessoas estavam empregadas; em 1998 esse número foi reduzido para 217.200 pessoas, uma perda de 43,3%.

No fim da década de 80, as políticas protecionistas facilitaram a formação de um setor composto por empresas extremamente obsoletas – com raríssimas exceções – especialmente no que concerne à tecnologia moderna. A proteção da indústria nacional de máquinas e equipamentos têxteis foi outro fator de formação de um elevado número de empresas caracterizadas por sua insustentabilidade em ambientes competitivos, que se viram de uma hora para outra expostas à concorrência externa, muitas vezes desleal.

As empresas que sobreviveram à crise conseguiram esta façanha adotando medidas como modernização do parque industrial de máquinas – intensiva no caso das fiações; atendimento a determinados nichos de mercado por meio da diferenciação do produto; maior ênfase ao aspecto da qualidade do produto final, que se inicia com a seleção criteriosa do tipo de fibras utilizadas, naturais (especialmente algodão) ou artificiais e sintéticas; integração como forma de agregar maior valor à mercadoria ou com o intuito de controlar a qualidade do produto, casos comumente observados em fiação-tecelagem e fiação-tecelagem-acabamento – além naturalmente de fusões e aquisições.

Fase de recuperação

Pode-se dizer que o setor têxtil viveu dois momentos difíceis e atualmente está em

E-mail: daniela@fgv.br